

Formação Continuada: Compromisso de Todos

Área Temática de Educação

Resumo

Na educação brasileira perdura um ciclo de má formação que precisa ser rompido. Com o objetivo de apresentar possibilidades de ação e de promover mais integração entre a UESB e as instituições ligadas à educação básica, organizamos o projeto de extensão “Formação Continuada de Professores de Química”. O projeto foi desenvolvido em dois anos. Tratou-se de encontros mensais entre os professores da UESB e professores de Química atuantes no Ensino Médio das escolas da região. Nestes encontros debatíamos temas do cotidiano e relacionados à Química, a pesquisa dentro da universidade e as possibilidades de pesquisa nas escolas de educação básica, principalmente pesquisas em educação. Os professores, que inicialmente mostravam-se inseguros, ao final já estavam produzindo seus próprios materiais didáticos e mostrando interesse em posicionar-se como professores pesquisadores testando, avaliando resultados e re-dimensionando suas produções, entre outros. A instituição formadora pode vivenciar alguns dos problemas que afligem as escolas de Ensino Médio, integrando-se mais ao mercado de trabalho para o qual forma seus alunos. A formação continuada apresenta-se como possibilidade de melhoria da educação, uma vez que permite discussões tanto dos problemas vivenciados na educação básica como também dos problemas existentes nos próprios cursos de formação inicial.

Autoras

Ana Luiza de Quadros - Mestre em Educação nas Ciências/UFMG

Joelia Martins Barros - Especialista em Química Ambiental

Instituição

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Palavras-chave: formação continuada; química; professores

Introdução e objetivo

A educação numa visão mais ampla

A educação brasileira tem passado por uma crise contínua, a qual é representada, entre outros, pelos baixos índices de aprendizagem, pelos altos índices de repetência e evasão escolar, pelos maus resultados encontrados quando se aplicam os instrumentos de avaliação oficiais – sem questionar se a avaliação de resultados avalia o sistema - e, principalmente, pela falta de preparo intelectual dos seus egressos. E esta crise se faz presente em todos os níveis de ensino.

Criou-se, em muitos anos de falta de seriedade com a educação, um ciclo vicioso de má formação, no qual um segmento do ensino vai transferindo a responsabilidade sobre o segmento seguinte. O rompimento deste ciclo tem sido um dos grandes objetivos de educadores e educadoras deste país. Mas por onde iniciar esta ruptura? Com quem iniciá-la? Quem deve iniciá-la?

Certamente são perguntas para as quais uma única resposta não é suficiente. Um conjunto de ações bem planejadas, envolvendo vários setores da sociedade, e em longo prazo é que poderiam, na nossa opinião, fazer a diferença. Com o objetivo de discutirmos uma das possibilidades de ação conjunta dos cursos de formação e das instituições de educação básica,

organizamos este trabalho, referindo-nos à formação de professores, ao papel das instituições formadoras e mais especificamente à formação continuada.

A formação de professores exige um compromisso árduo das instituições formadoras, pois ações isoladas de professores ou de grupos de professores já foram relatadas, mas são ações isoladas, com as quais teríamos um tempo extremamente longo para as mudanças necessárias. São os cursos de formação inicial e continuada que podem e devem melhorar. As instituições formadoras têm uma grande responsabilidade pela situação que aí está. Nós, professores dos cursos de formação de professores, ou seja, formador de professores, tem o compromisso de atuar mais efetivamente junta à educação básica.

Referimo-nos, agora, mais especificamente à formação de professores de Química, que faz parte de nosso mundo de trabalho.

Temos percebido que nossos alunos, depois de formados, sentem-se inseguros, mesmo que não verbalizem esta insegurança. Ela é percebida no momento em que os mesmos se apegam ao livro didático, sem uma análise criteriosa e crítica dos mesmos. É sentida, também, quando o professor não sabe dizer, exatamente, para que é necessário determinado conteúdo ou determinado saber, os seja, não foram ensinados a problematizar um determinado conhecimento. Apesar de passarem em torno de 04 anos desenvolvendo habilidades em laboratório, enquanto professores nem sempre são capazes de propor experimentos para o ensino médio e nem têm claro o papel da experimentação. Enquanto formadores de professores de Química, não temos considerado que desenvolver determinados conteúdos para um mero usuário é diferente de desenvolver este conteúdo para quem vai ensiná-lo. Formar professores denota uma responsabilidade muito grande.

É preciso envolver, na nossa opinião, todos os professores do curso de formação inicial – e no caso a Licenciatura em Química - com a atividade de formação de professores, para que os problemas reais no ensinar e aprender Química no Ensino Médio possam ser analisados e discutidos.

Mas é difícil concretizar isto. Principalmente se a instituição formadora não tiver uma interação boa e contínua com as instituições de ensino ligadas à educação básica. É nossa opinião que esta interação pode se concretizar através da formação continuada, que poderia levar os professores da instituição formadora até as instituições ligadas à educação básica e trazer os professores da educação básica de volta à instituição formadora para troca de experiências.

A Formação Continuada na UESB: planejamento

Com o objetivo de criar um programa de Formação Continuada de Professores de Química na região que abrangia a UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié, iniciamos um contato com professores e escolas de ensino médio. Imediatamente recebemos solicitações de palestras, cursos sobre determinados temas, entre outros. Entendemos, assim, que havia uma percepção de deficiência na formação inicial, por parte dos professores, e/ou um desejo natural de aperfeiçoamento. Foi neste desejo de aperfeiçoamento que nos agarramos, pois ele significava a condição necessária para uma interação entre a instituição formadora – UESB – e as instituições de ensino ligadas à educação básica.

Sabíamos que discutir o ensino de Química com professores em serviço poderia ser bem mais produtivo que discuti-lo com alunos – futuros professores. Baseamo-nos em Maldaner (2000) que diz que a discussão do mundo vivido da escola, feita pelos professores, permite aflorar a racionalidade comunicativa e o encaminhamento de soluções potencialmente mais interessantes do que as soluções técnicas emanadas de situações genéricas. Estaríamos com a possibilidade de discussão e análise de problemas reais no ensinar e aprender química. Mas havia, aí, outro entrave: como não decepcionar os professores que buscavam aperfeiçoamento, através de cursos de curta duração?

Planejamos, então, iniciar a Formação Continuada de Professores de Química da UESB através de um ciclo de debates de temas relacionados à Química, mas procurando fazer os “ganchos” necessários para que esses temas levassem a análises de problemas do ensinar e aprender química.

Os primeiros encontros trataram dos seguintes temas: 1º - Ensino de Química: problemas e perspectivas; 2º - Meio Ambiente; 3º - Água; 4º - Solos; 5º - Ciclos geoquímicos e agricultura; 6º - Fermentações; 7º - O papel da experimentação no ensino de Química; 8º - Projetos para o Ensino de Química. A escolha destes temas deu-se, principalmente pela disponibilidade dos professores da UESB e pela relevância social de cada um deles. Ao fazermos o convite inicial para este ciclo de debates tivemos, já no primeiro encontro, a presença de quarenta e dois professores de uma estimativa de um total de cerca de 95 professores de Química na região. Consideramos este número muito grande para o que havíamos planejado, mas aceitamos o desafio.

Esses oito encontros foram realizados mensalmente, de abril a dezembro de 2002, contando com 8h cada um deles. Apenas o primeiro e o último encontros foram organizados exclusivamente pela área de ensino de química do curso de Licenciatura em Química da UESB. Os demais envolveram os professores das áreas mais específicas junto com a área de ensino de química. Além de trabalhar os temas em questão, nestes encontros foram realizadas diversas visitas de estudo, entre as quais o lixão da cidade, a estação de tratamento de água, a estação de tratamento de esgotos, uma fábrica de iogurte, uma região de estudo de solos. Em cada um dos temas, no qual o professor da área mais específica fazia uma discussão mais aprofundada, procurava-se fazer uma relação do mesmo com o desenvolvimento do conhecimento químico nas salas de aula do Ensino Médio.

No segundo ano de formação continuada, organizou-se 05 encontros nos quais discutimos a pesquisa dentro da universidade e sua importância e influência na sociedade. Nesta segunda etapa concentramos nossos esforços no sentido de rediscutirmos a pesquisa, principalmente na área de educação. Também aproveitamos para introduzir o papel e a importância do professor pesquisador, numa perspectiva apresentada por Maldaner (2000). Novamente tivemos um número expressivo de participantes.

A Formação continuada: resultados e discussões

Esses encontros, além de possibilitarem um entrosamento da instituição formadora com os professores atuantes no Ensino Médio, também possibilitaram um envolvimento maior dos professores das áreas mais específicas do curso de formação inicial com o ensino médio.

Desde o primeiro encontro, os professores participantes foram informados que seriam convidados a produzir uma “proposta” de trabalho com seus alunos, ao final do primeiro ano de trabalho, usando um tema do cotidiano, que tanto poderia ser um dos temas desenvolvidos nos encontros como um outro tema de interesse. No último encontro os professores participantes, divididos em grupos de interesse, apresentaram suas produções. Entre as produções apresentadas vamos destacar três: a primeira era uma proposta de trabalho com o tema “Alimentos”, com o qual os professores de uma escola de município de Jequié projetaram desenvolver o conhecimento químico nas três séries do ensino médio; a segunda proposta constou de um trabalho de desenvolvimento de consciência sobre o destino do lixo, envolvendo professores de várias escolas, com uma duração prevista de mais ou menos seis meses; a terceira proposta foi feita por professores do município de Maracás/Ba, que faz parte da região de abrangência da UESB. Neste município grande parte do comércio é sustentado pela produção de flores. Esses professores propuseram o desenvolvimento do conhecimento químico usando o tema “Produção de Flores”, cuja duração seria em torno de 4 meses.

Para professores que, nos primeiros encontros, esperavam que a instituição formadora dissesse o que, em termos de conteúdo, era importante desenvolver, essa produção foi muito

significativa. Passaram de meros transmissores de conhecimento a se perceberem como mediadores em situações de estudo. Até então, estes professores de ensino médio não estavam se percebendo como alguém que poderia criar um currículo, mesmo seguindo roteiros concebidos por outros. Puderam perceber que seus trabalhos não se esgotavam no tempo da sala de aula. Cada um dos grupos ficou com o compromisso de aplicar cada uma das propostas e reelaborá-las sempre que necessário.

Neste primeiro ano de formação inicial, a idéia foi a de conhecer os professores que atuam no ensino médio, interagir com os mesmos através de temas relacionados à química e discutir o ensino de química, sem propor mudanças, mas discutindo aquilo que cada um e cada uma tem feito, inclusive aquilo que a universidade tem feito.

Como resultado direto deste primeiro ano de formação continuada tivemos a criação de um curso de especialização em ensino de ciências, a proposta de continuação do programa de formação continuada e a criação de um grupo de pesquisa em Ensino de Química dentro da UESB, que seria mediado pela instituição formadora, mas tendo cada um dos participantes como sujeito da pesquisa, num processo de reflexão na ação e sobre a ação.

A própria instituição formadora já sofreu, ao final deste primeiro ano, uma sensível mudança. A área de ensino do curso de Licenciatura em Química passou a ter um “status” diferente, pois passou a atuar junto às instituições de ensino da região e a apresentar resultados significativos.

Já no segundo ano de Formação Continuada de Professores de Química na UESB, com a proposta de introduzir neste grupo uma concepção mais discutida de pesquisa, foi proposto que cada uma das áreas do curso de formação inicial que tivessem relação mais direta com a pesquisa, apresentassem seus projetos e resultados e que os mesmos fossem discutidos com o grupo em termos de importância, viabilidade e impacto na sociedade. Neste segundo ano realizou-se 05 encontros dos quais participaram as seguintes áreas: química orgânica, com a pesquisa em produtos naturais; bioquímica, com pesquisa e análise de mel; química analítica, com pesquisa em técnicas de análise de traços de metais; química orgânica com atualidades na área e ensino de química, com pesquisas em ensino de química.

Com esta discussão sobre a pesquisa dentro da universidade, iniciou-se um processo de discussão sobre a concepção de pesquisa e do papel e espaço do professor de ensino médio na pesquisa. Enfatizou-se a necessidade de pesquisa sobre a prática pedagógica, mas uma pesquisa/ação, na qual o professor pode fazer uma reflexão na ação, colocando-se como pesquisador reflexivo ou como pesquisador de sua própria prática pedagógica. Também foram discutidos, em diversos momentos, a implementação das propostas de ensino elaboradas no ano anterior.

Neste segundo ano as dificuldades de ensinar e aprender química ficaram mais perceptíveis ou vieram mais à tona. Professores de ensino médio queixaram-se de problemas de cunho mais administrativo dentro das escolas, entre os quais destaco: a) o horário que cada um dos professores possui dentro da escola para realizar discussões de ordem mais pedagógica é extremamente pequeno e, muitas vezes, professores de uma mesma área ou até de uma mesma disciplina não se encontram, pois seus horários de coordenação não coincidem; b) as coordenações pedagógicas das escolas são muito técnicas e extremamente burocráticas; c) não há espaço físico disponível para reuniões entre grupos de professores e; d) falta um projeto político pedagógico que defina o trabalho da escola e de cada um dos envolvidos.

Esses espaços e tempos reclamados pelos professores realmente não existem na grande maioria das escolas. Mas é preciso conquistá-los. Para que a educação possa dar um salto de qualidade do qual tanto necessita é preciso que cada um dos envolvidos faça sua parte. As instituições formadoras têm a obrigação de atender às necessidades e solicitações das instituições ligadas à educação básica. Mas é preciso que as instituições da educação básica

ofereçam as condições para que isto possa acontecer. E não são condições financeiras. São condições de organização do espaço escolar. É possibilitando horários disponíveis para professores de uma mesma área, num mesmo turno; é oferecendo um espaço físico para os encontros; é liberando o professor para que ele participe dos programas de formação continuada; é discutindo questões realmente pedagógicas em suas reuniões pedagógicas; é valorizando o trabalho do professor e entendendo suas limitações; enfim, é oferecendo condições para que grupos de pesquisa possam se formar dentro das escolas e, finalmente, chamando a universidade ou a instituição formadora para mediar essa pesquisa, que a escola pode colaborar.

Segundo Maldaner: dentro dos espaços e tempos possíveis hoje, que existem, pois a escola concreta não é um todo determinado, propomos a participação essencial do professor na concepção e concretização do currículo a ser desenvolvido na escola e dentro das salas de aula, gerando, coletivamente, saberes e valores. Esses seriam os tempos e espaços de pesquisa dos professores.

Mas consideramos que este é um trabalho que precisa ser coletivo, num processo de comunicação constante, realizado, portanto, por um grupo de professores.

Novas perspectivas que se apresentam

A formação de grupos de pesquisa ou de discussão de questões relacionadas ao ensinar e aprender, ou seja, as discussões, num processo coletivo, podem gerar soluções mais adequadas para os problemas de ensino e com um acompanhamento mais efetivo. A discussão sobre o “mundo vivido” permite o surgimento de soluções potencialmente mais interessantes do que as soluções técnicas provenientes de grupos “pensantes”, mas nem sempre atuantes.

A formação de um grupo de pesquisa é, sem dúvida, um processo que precisa ser mais bem entendido. A pesquisa em ensino de química não pode estar desvinculada do ensinar e aprender química. Ela deve ser constitutiva do próprio professor. Segundo Maldaner (2000) o exercício coletivo de reflexão e a reflexão sobre a ação permite que professores desenvolvam o ensino reflexivo e/ou se constituam em professores/pesquisadores de sua ação pedagógica. Mas para que isto aconteça é preciso ações mais específicas. As instituições de formação básica precisam incentivar a formação de grupos de discussão ou de pesquisa, os professores da educação básica precisam desejá-los e as instituições formadoras precisam se dispor à mediação.

A função da universidade não pode ser assimétrica, embora saibamos que a assimetria exista. É necessário que as discussões se façam conjuntamente, tendo os professores de ensino médio como sujeitos da pesquisa, pesquisando suas próprias práticas, suas crenças sobre ensino, sobre matéria, sobre aprendizagem, sobre aluno, sobre professor, etc.

A formação continuada não é, de forma alguma, para suprir as deficiências da formação inicial. Ela se concretiza na análise da nossa própria prática pedagógica, de discussão sobre o real vivido e na concepção de pesquisa.

Nesses dois anos de formação continuada de professores de química da UESB, apenas um grupo de pesquisa se formou independente da instituição formadora, mesmo que ela continuasse mediando esporadicamente. Ressaltamos que, até então, enquanto instituição de nível superior, não havíamos incentivado diretamente a formação de grupos de pesquisa dentro das escolas. Mas este grupo, que apesar de nosso pouco incentivo, se formou, corre o risco de acabar por que a escola na qual ele atua não soube respeitar o trabalho dos professores, promovendo mudanças de disciplinas, adoção de livro didático (depois de uma produção coletiva dos professores), entre outras. Mas o desejo de aperfeiçoamento de cada um deles aumentou e, com certeza, não será extinto antes de conseguirmos melhorar as questões administrativas dentro das escolas. Acreditamos, inclusive, que este grupo que se formou pode provocar o surgimento de grupos de discussão em outras áreas/disciplinas dentro da escola.

Pela experiência vivenciada em formação continuada de professores de Química, temos a crença de que é possível melhorar a educação. Basta que cada um dos setores envolvidos – instituições formadoras, instituições de educação básica e professores – assumam o compromisso político de fazer melhor e de conquistar seus espaços. Os professores de instituições de educação básica, a partir de interesses comuns, devem buscar a universidade para, juntos, discutir as situações gerais da educação e as específicas de ensino – neste caso o ensino de Química. Ações deste tipo só poderão trazer benefícios a todos os envolvidos, uma vez que os professores da educação básica têm uma discussão mediada pela universidade e a universidade tem a possibilidade de contato direto com o mundo de trabalho para o qual forma seus alunos. Nesta perspectiva, a formação continuada apresenta-se como um compromisso de todos para a melhoria da qualidade de ensino.

A experiência por nós vivenciada, dentro da UESB, com a formação continuada nos faz pensar que nós, que representamos a instituição formadora de professores para a Educação básica, temos o compromisso social de estender nosso trabalho aos nossos egressos e a outros professores atuantes na educação básica, tanto para colaborarmos na melhoria deste ensino, como também para melhorarmos os nossos cursos de formação inicial, através da percepção e discussão dos problemas vivenciados pelas escolas nas quais nossos formados atuam.

Uma possibilidade de trabalho vislumbrada por nós, a partir de agora, seria o incentivo direto à formação de grupos de estudo dentro das escolas ou por conjunto de escolas, nos quais nos faríamos presentes, num trabalho mediado, que poderia levar a diferentes caminhos cada um dos grupos formados.

E, para encerrar este nosso trabalho, novamente nos referimos a Maldaner, que cita “A pesquisa, como princípio formador e como prática, deveria tornar-se constitutiva da própria atividade do professor, por ser a forma mais coerente de construção/reconstrução do conhecimento e da cultura. Dessa forma poderíamos superar a metáfora do professor como transmissor de conhecimentos e de cultura”. Ao entender que a sala de aula é uma situação única, complexa, com incertezas, com conflitos de valores, com o qual o professor vai conversar, pensar e agir, então ele estará pesquisando.

Consideramos que a extensão, dentro das instituições de ensino superior, não deva se restringir à prestação de serviços. Podemos e devemos nos sentir responsáveis pela situação problemática do ensino e estender nosso trabalho às demais instituições da área, com as quais convivemos. As ações conjuntas, segundo pensamos, podem criar soluções mais viáveis do que aquelas sugeridas por quem não tem um trabalho direto com o ensinar e aprender.

Referências bibliográficas

Maldaner, Otavio Aloisio. A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química. Ijuí: Unijuí, 2000. 400 p.